

DO PIDGIN AO CRIOULO: COMO SE FORMA UMA NOVA LÍNGUA

ISABELA BRITO OLIVEIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – bebel_b_o@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isbellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a abordar o processo de formação de uma língua desde o “pidgin” que a origina até o “crioulo” em que resulta. Serão apresentadas definições de o que seja um “pidgin”; os estágios pelos quais um “pidgin” pode passar para se tornar um “crioulo”; e definições do que seja um “crioulo” e de como o termo surgiu.

A definição de “pidgin” mais aceita é a que de seja uma língua nascida do contato linguístico e social entre povos, quando um não conhece o outro. Outra definição apresentada é a de que um “pidgin” seja uma língua falada por um povo, mas sem ser sua língua materna.

Bickerton (1981 *apud* Couto, 1996) defende que seja um caso especial de segunda língua, pois a pidginização resulta em um único sistema. Já para Hall (1972 *apud* Tarallo & Alkmin, 1987), “uma língua pidgin é, por definição, aquela cujas estruturas e léxico foram drasticamente reduzidos e que não é nativa de nenhuma das pessoas que a utilizam”.

Quanto aos estágios pelos quais um “pidgin” passa para se tornar um “crioulo”, Mühlhäusler (1986 *apud* Couto, 1996) postula que são três: se transformar diretamente em “crioulo”; se estabilizar antes de se tornar um “crioulo”; e se estabilizar e, em seguida, se expandir ainda como “pidgin” para, então, se tornar um “crioulo”.

Outra proposta dá conta de que um pidgin evoluiria diretamente a um crioulo e um crioulo seria, conseqüentemente, a evolução natural de um pidgin. Assim, pidgin é caracterizado como um sistema rudimentar que resulta da simplificação e da redução de línguas socialmente dominantes na situação de contato. Porém, esta proposta é contestada por ser difícil explicar a ligação entre uma evolução estrutural e uma evolução funcional, já que o final de cada uma dessas etapas é difícil de precisar.

A maioria dos estudiosos define “língua crioula” como uma língua “pidgin” que virou língua nativa. Para outros, “crioulo” é uma língua “pidgin” que se transformou a partir do momento em que crianças que só o tinham como *input* o adquiriram como língua nativa.

Para a origem de “crioulo”, a hipótese mais aceita é a de que tenha surgido em português e, daí, passado para outras línguas, como o espanhol, o inglês e o francês.

Enquanto os *pidgins* têm por característica sua relação com atividades de comércio, os crioulos são relacionados à escravidão. Chaudenson (1979 *apud*

Tarallo & Alkmin, 1987) as define como línguas que surgiram a partir do contato de populações transportadas.

O termo “crioulo” começou a ser utilizado no século XVI. O espanhol R. P. de Acosta teria sido o primeiro escritor a utilizá-lo em duas obras sobre a América espanhola, utilizando-o para se referir aos espanhóis nascidos na América e diferencia-los dos que nasceram na Europa.

No século XVIII, o termo teria sido utilizado para designar os negros nascidos nas colônias e diferencia-los dos nascidos na África e para indicar plantas e animais naturais de um país, distinguindo-os das espécies importadas.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como principais referências os livros “Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins”, de Hildo Honório do Couto, e “Falares Crioulos”, de Fernando Tarallo e Tania Alkmin.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as hipóteses estudadas durante o período desta pesquisa podem ser consideradas plausíveis e reais para responder à questão de como surge um crioulo.

4. CONCLUSÕES

Existem muitas hipóteses para explicar os temas aqui tratados. Algumas são amplamente aceitas, outras rechaçadas por alguns especialistas da área. Apesar de sofrerem algumas recusas, mesmo essas que têm sido rechaçadas apresentam bases para que possam ser aceitas, se não em sua totalidade, pelo menos parcialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, H.H. Pidgin. In: COUTO, H.H. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. **Falares crioulos – línguas em contato**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MARTINS, D. A. C. Baby talk, foreigner talk e pidgins. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 4, n 1, p. 46 – 55, 1995.

UFBA. **O conceito de transmissão linguística irregular.** Projeto Vertentes, Salvador. Acessado em 10 out. 2013. Online. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-transmissao-linguistica-irregular>

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0
Lucchesi, D. O papel da nativização na formação das línguas crioulas. In: **II CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA**, São Paulo, 2012.